

# INVESTIGANDO IDENTIDADES: A QUESTÃO IDENTITÁRIA FEMININA NA LITERATURA POLICIAL CHICANA DE LUCHA CORPI

*Juliana Machado Meanda*

*Orientadora: Carla de Figueiredo Portilho*

Mestranda

RESUMO: Este artigo busca apresentar uma investigação da questão identitária feminina na obra de ficção policial da escritora Lucha Corpi intitulada *Eulogy for a Brown Angel*, publicada em 1992. O foco deste exame é o processo de elaboração de identidade da protagonista, Gloria Damasco, primeira detetive feminina da literatura chicana (mexicano-americana). Esta personagem desvela diversas contradições e complexidades tanto na formação de sua subjetividade quanto na coletividade híbrida em que se insere. Corpi se apropria deste gênero popular e altera seu conteúdo, uma vez que a questão da investigação criminal é apenas um dos múltiplos fatores a serem examinados. É apresentada uma visão que problematiza as concepções históricas e sociais chicanas, evidenciando que este termo não abarca um grupo homogêneo, mas que mesmo tratando-se de uma coletividade com questões comuns, há ainda muitas desigualdades e desequilíbrios internos, especialmente em relação à condição da mulher. A identidade é tomada não como essência, mas como construção, posicional e política, através da representação, de recursos históricos e discursivos que estão em constante dinâmica.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Representação, Literatura chicana, Ficção policial.

O objeto de estudo da minha pesquisa é a série policial escrita por Lucha Corpi, publicada na década de 1990 e protagonizada pela personagem Gloria Damasco, a primeira detetivemulher da literatura chicana. O objetivo do estudo é investigar a questão identitária feminina, e este artigo examina a primeira obra da série, intitulada *Eulogy for a Brown Angel*, de 1992. Articularei um diálogo entre este título e reflexões desenvolvidas por duas teóricas feministas chicanas: Gloria Anzaldúa em *Borderlands/La Frontera: the New Mestiza* (1987), e Ana Castillo em *Massacre of the Dreamers: essay on Xicanisma* (2014). São trazidas ainda contribuições de Homi K. Bhabha (1998) e Tomaz Tadeu da Silva (2012) para a discussão das questões propostas.

Lucha Corpi, escritora mexicana nascida em 1945 e residente dos EUA desde a década de 1960, evidencia em sua obra elementos muitas vezes dissimulados de preconceito e injustiça social da hegemonia branca estadunidense em relação à comunidade chicana, isto é, de mexicano-americanos - tanto aqueles nascidos no México e imigrantes nos EUA (como a autora) quanto os nascidos em território norte-americano de descendência mexicana. Também são abordadas desigualdades dentro desta própria coletividade, especialmente no que diz respeito à condição feminina.

A autora se apropria do gênero popular da ficção policial e transfigura o seu conteúdo, uma vez que o tópico da investigação criminal é apenas um dos múltiplos problemas a serem expostos e examinados. Assim, o crime vai muito além de um fato pontual e motivador da busca pelo culpado, tornando-se pano de fundo e pretexto para trazer à tona questões mais profundas relativas ao seu contexto social, especialmente concernentes a minorias raciais e de gênero.

A construção da identidade de Gloria Damasco é posicional e política, partindo de uma releitura histórica e de um mergulho cultural através do resgate de símbolos e eventos políticos significativos para o povo chicano. É proposta uma visão de mundo que problematiza as construções históricas e sociais chicanas, evidenciando que o termo não abarca um bloco monolítico. Mesmo tratando-se de uma coletividade com questões comuns, há ainda muitas desigualdades internas, principalmente em relação às mulheres, as quais não devem ser categorizadas como um grupo homogêneo.

As mulheres nos Estados Unidos que são politicamente autodescritas como Chicanas, mestiças em termos de raça, Latinas ou Hispânicas em relação à sua herança de língua espanhola, e que totalizam dezenas de milhões nos Estados Unidos, não podem ser resumidas nem ordenadamente categorizadas. (CASTILLO, 2014, p. 1) [tradução minha]<sup>1</sup>

É a partir de uma visão abrangente sobre as diversas questões que envolvem a identidade que Castillo desenvolve seu pensamento, citando Paulo Freire ao apresentar seu conceito de *conscientización*, isto é, uma tomada de consciência por parte do grupo minoritário, um desvelamento de aspectos que formam a subjetividade e que estão relacionados a uma busca ativa por conhecimento a respeito de aspectos passados e presentes do contexto social chicano. Ela coloca ainda em evidência questões feministas, mas ao mesmo tempo critica o feminismo que engloba todas as mulheres em uma categoria uniforme, chamando a atenção para as diferenças também entre as mulheres, especialmente devido a fatores raciais.

Castillo reivindica assim um movimento feminista das chicanas, que leve em consideração não apenas questões de gênero, mas também étnicas. Ela frequentemente usa o termo "chicana" quando discute o ativismo e emprega a palavra "Xicanisma", que criou na primeira edição de seu livro, para se referir ao conceito de feminismo das chicanas. A autora lembra que mesmo dentro dos EUA a questão racial vai muito além da oposição entre brancos e negros, e que além da diferença entre homens e mulheres, há ainda a diferença entre as próprias mulheres, como a trazida pela questão étnica, que não deve ser desconsiderada.

Quanto ao aspecto racial, um dos mitos propagados pelos EUA é o do *meltingpot*, que indica uma pretensa aceitação da diversidade e abertura à migração. No entanto, a homogeneização de variados povos não é positiva quando apaga os privilégios que são dados a uns, enquanto direitos são negados a outros. Assim, os grupos minoritários não se mesclam em um grande conjunto, mas ao contrário, se recusam a esta mistura que quer englobar todos em uma massa disforme; eles querem mostrar que esta fusão esconde discriminações. Como

---

<sup>1</sup> "Women in the United States who are politically self-described as Chicana, mestiza in terms of race, Latina or Hispanic in regard to their Spanish-speaking heritage, and who number in the tens of millions in the United States, cannot be summarized nor neatly categorized." (CASTILLO, 2014, p. 1)

afirma Anzaldúa (1987, p. 86)[tradução minha]: "Eles gostariam de pensar que eu me fundi ao pote. Mas eu não me fundi, nós não nos fundimos."<sup>2</sup>

A obra de Corpiuscita reflexões sobre questões como as levantadas por Castillo e Anzaldúa. O livro *Eulogy for a Brown Angel* (1992), título de estreia de sua série policial, apresenta Gloria ainda como uma jovem mulher, mãe de uma filha pequena e esposa de um médico, que entra no mundo da investigação criminal através de um fatídico acontecimento ocorrido em 1970 durante o protesto que ficou conhecido como *Chicano Moratorium March*, contra a guerra do Vietnã e pela justiça social dentro dos EUA, que de fato ocorreu naquele ano em Los Angeles. Dentro deste contexto, no qual Gloria manifesta sua posição política, inserida no Movimento Chicano, ela acidentalmente encontra o corpo de um menino chicano - seu *brownangel*- e essa morte será decisiva na transformação que se dará em sua vida, pois a partir daí se intensifica nela um forte ímpeto de busca por justiça.

É assim que Gloria acaba tornando-se detetive amadora e ainda descobre possuir visões extrassensoriais, que começam a surgir a partir da descoberta do corpo de Michael, o menino chicano. Por não compreender muito bem essas visões nem saber como interpretá-las, Gloria denomina essa espécie de clarividência de dom sombrio - *darkgift*. No entanto, essa consciência extrassensorial não é prontamente aceita por ela mesma, e conciliar essa nova faceta à sua personalidade e a seu modo de viver e solucionar mistérios se mostrará mais um dos desafios a serem enfrentados.

A personagem percebe-se em conflito entre essas percepções, sobre as quais sente não ter qualquer controle, e seu lado racional, aquele que busca uma explicação lógica, e tenta se convencer de que essas visões são apenas a manifestação de um sistema nervoso sobrecarregado, devido a todas as novas e intensas experiências que viveu desde o início das investigações. Ela mostra ter sido até então uma mulher mais voltada ao lado racional, e não se sente à vontade para contar essas vivências sequer para sua melhor amiga, Luisa, pois sente-se envergonhada, uma vez que sempre procurou explicações racionais para qualquer coisa que acontecesse com ela, afirmando que prefere usar a intuição para apoiar a razão, e não o contrário. Gloria percebe os dois lados de sua personalidade como o "claro" e o

---

<sup>2</sup> "They'd like to think I have melted in the pot. But I haven't, we haven't." (ANZALDÚA, 1987, p. 86)

"escuro", como uma dualidade de forças opostas em que uma é a realidade concreta e a outra é composta por devaneios, como no trecho a seguir:

[...] eu agora sentia que estava flutuando em direção ao que eu poderia apenas descrever comolucidez neurótica. [...]tive a sensação de que estava olhando para dois lados de mim mesma como se fosse umnegativo fotográfico - as áreas mais claras sendo a "realidade"; os tons mais escuros de cores, talvez até aausência de cor, sendo ilusões de ótica. (CORPI, 1992, p. 30) [tradução minha]<sup>3</sup>

Ela vivencia essa ruptura entre a realidade objetiva e a subjetiva, e de alguma forma demonstra ouvir essa "voz" que não consegue compreender. Assim, ela começa a ter algumas percepções intuitivas a respeito do crime e de seu assassino, mesmo não tendo muita clareza sobre o significado das mensagens. O receio de Gloria em compartilhar essas sensações até mesmo com Luisarevela o seu próprio preconceito com relação a esse tipo de experiência, evidenciando sua identidade contraditória, revelando a divisão entre suas origens europeia e indígena, estadunidense e mexicana, e sua própria dificuldade em aceitar uma característica que foge do que é aceito pelo pensamento ocidental preponderante. Com relação aos antagonismos provenientes de origens culturais diferentes, afirma Anzaldúa (1987, p. 78)[tradução minha]: "Como outros que têm ou vivem em mais de uma cultura, nós recebemos mensagens múltiplas, frequentemente opostas. A união de dois quadros de referência autoconsistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural".<sup>4</sup>

Essa divisão que Gloria Damasco sente entre os dois tipos de percepção é também abordada por Anzaldúa, que expõe sua própria experiência de percepção extrassensorial, denominando-a *lafacultad*, análoga ao *darkgift* da detetive de Lucha Corpi. Descrevendo o que entende por este tipo de manifestação, afirma Anzaldúa (1987, p. 38) [tradução minha]: "*La facultad* é a capacidade de ver nos fenômenos de superfície o significado de realidades mais

<sup>3</sup>[...] I now felt I was drifting into what I could only describe as neurotic lucidity. [...] I had a sense that I was looking at two sides of myself as if on a photographic negative - the lighter areas being 'reality'; the darker shades of colors, even perhaps the absence of color, being optical illusions." (CORPI, 1992, p. 30)

<sup>4</sup> "Like others having or living in more than one culture, we get multiple, often opposing messages. The coming together of two self-consistent but habitually incompatible frames of reference causes *un choque*, a cultural collision." (ANZALDÚA, 1987, p. 78)

profundas [...] É um 'sentir' instantâneo, uma percepção rápida que chega sem um raciocínio consciente."<sup>5</sup>

A dificuldade de autoaceitação é também exposta pela teórica, que indica ter proveniência na tradição do pensamento ocidental, ou seja, na racionalidade, na dualidade, na categorização do mundo em oposições excludentes. A preponderância é de uma visão de mundo que não aceita o que não pode ser "cientificamente comprovado", relegando tudo o que não se encaixa neste molde como crendice. Assim é instalado um sentimento de inferioridade no sujeito que não está de acordo com os padrões vigentes mais aceitos, levando a uma recusa ou negação de aspectos de sua própria identidade.

É assim que Gloria Damascose sente neste ponto, não considerando que sua intuição poderia somar na construção de conhecimento, mas que poderia ser tomada como um indício de menor inteligência racional. Ela mostra-se incomodada com a ideia de a mulher ser em geral mais ligada a um pensamento intuitivo, acreditando que assim sua capacidade intelectual pode ser questionada.

No entanto, ela tem consciência de seu envolvimento emocional com o caso e inveja o desapego e a objetividade demonstrada por Kenyon, policial à frente da investigação, para quem julga que o caso parece mais um enigma ou um jogo de dedução e estratégia. Por outro lado, sua melhor amiga Luisa, que é poeta, representa um outro modo de pensamento: acredita que para aceitar não é indispensável entender, pois para ela nem tudo pode ser compreendido intelectualmente.

Muitos anos se passam, e ao fim da narrativa a protagonista afirma que suas visões mudaram em termos de frequência e natureza, mostrando sua transformação vinda com o amadurecimento. É através destes conflitos internos que Gloriaminha em direção a uma superação de dicotomias, como a *newmestiza* que se refere Anzaldúa (1987, p. 79) [tradução minha]: "A nova mestiça lida [com as dificuldades] desenvolvendo uma tolerância para as contradições, uma tolerância para a ambiguidade."<sup>6</sup> É notável a mudança em seu comportamento, pois ela agora demonstra ter aprendido a lidar com o seu dom obscuro e a equilibrar melhor este aspecto de sua identidade, afirmando: "Finalmente eu aprendi a aceitar

<sup>5</sup> "La facultad is the capacity to see in surface phenomena the meaning of deeper realities [...] It is an instant 'sensing,' a quick perception arrived at without conscious reasoning." (ANZALDÚA, 1987, p. 38)

<sup>6</sup> "The new *mestiza* copes by developing a tolerance for contradictions, a tolerance for ambiguity." (ANZALDÚA, 1987, p. 79)

este dom sombrio e a construir o delicado equilíbrio no qualminha sanidade repousava."(CORPI, 1992, p. 123) [tradução minha]<sup>7</sup>

Além disso, agora sua percepção extrassensorial é considerada um caminho para o conhecimento, de si mesma e de seu contexto, uma outra sabedoria, psíquica, que mesmo diferente da racional pode trabalhar em conjunto a ela. Gloria passa assim da lógica de exclusão para a de articulação, mostrando ter desenvolvido novos modos de negociar a tensão entre aspectos divergentes de sua identidade.No entanto, ela não faz uma simplificação ou síntese, mas indica que as inquietações permanecem e não podem deixar de existir, que sua identidade sempre terá estes dois lados que devem ser manejados continuamente.

É importante ressaltar que a questão identitária está intrinsecamente relacionada à representação. Como coloca Silva(2012, p. 91):"A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. [...] É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder." Assim, a representação mostra-se relevante também na esfera política, denunciando injustiças sociais, como no caso da obra deCorpi. A autora coloca sua escritacomo uma forma de resistência ao pensamento dominante, questionando os sistemas de representaçãohegemônicos e tornando-a um modo de combate e resistência do grupo minoritário chicano frente à dominação branca norte-americana, e especialmente da voz feminina chicana com relação aos seus opressores,tanto externos como internos.

A representação literária promovida por Corpित्रaz elementos que favorecem a *conscientización* de que trata Castilloe que é de grande importância para a construção de identidade dos mexicano-americanos. O pertencimento a uma cultura híbrida exacerba ainda mais a fragmentação do sujeito e a necessidade de articulação entre as várias identificações e diferenciações para a construção identitária, o que propicia uma tomada de consciência por parte do indivíduo. As reflexões desencadeadas por este processo levam o sujeito a uma busca por suas origens e pelo que, a partir delas, continua agindo na atualidade, em um diálogo entre passado e presente, justamente o que a obra de Corpitenciona provocar.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo

---

<sup>7</sup> "Eventually, I learned to accept this dark gift and to build the delicate balance on which my sanity rested." (CORPI, 1992, p. 123)

como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27)

Em Corpi, a solução dos crimes se dá através de redescobertas históricas, culturais e sociais, o passado auxilia o desvendamento do presente e traz novas perspectivas futuras. No entanto, esse revisionismo não é nostálgico ou ingênuo, mas sempre crítico e consciente de que a busca por uma "pureza" racial, assim como por uma "verdade" absoluta, é insustentável, bem como é inviável a noção de uma identidade "essencial". Ao mesmo tempo, esse retorno ao passado é de extrema importância como material para a composição de identidades no presente, possibilitando um maior entendimento da história e agindo sobre o que parece estar absolutamente consolidado nela.

Deste modo, acontecimentos tidos como "fatos verídicos" são vistos como "versões" possíveis e resignificados, observando-se como a história é também uma construção, um discurso cuja voz ativa é frequentemente a dos que possuem poder e prestígio, relegando as minorias a um papel secundário e muitas vezes sem fala. Como exemplo, Castillo (2014, p. 3) nos diz que a apropriação do território mexicano pelos EUA é conhecida no México como a "Invasão Norte-Americana", evidenciando que a história depende do cronista. Trata-se assim de uma perspectiva de revisão e crítica da história.

Portanto, temos que o caminho que Gloria Damasco procura trilhar é o da *conscientización*, buscando ativamente a construção de conhecimento sobre si mesma e sobre seus contextos presentes e passados. Os crimes que busca desvendar são como portais que levam a questões ainda mais substanciais por trás de mortes e violência, gerando uma maior compreensão de contextos sociais e questões históricas e políticas. Em concordância com este conceito de Castillo, aponta Anzaldúa (1987, p. 19) [tradução minha]: "É um caminho de conhecimento - um caminho de saber (e de aprender) a história da opressão de nossa raça. É uma maneira de equilibrar, de mitigar a dualidade."<sup>8</sup>

A identidade é assim tomada como construção através da representação e de recursos históricos e discursivos que estão em constante dinâmica. Referindo-se mais especificamente

<sup>8</sup> "It is a path of knowledge - one of knowing (and of learning) the history of oppression of our *raza*. It is a way of balancing, of mitigating duality." (ANZALDÚA, 1987, p. 19)



à *newmestiza*, Anzaldúa também ressalta o aspecto plurifacetado da identidade, em particular da chicana, que resiste a uma classificação simplificada: "Ela tem uma personalidade plural, ela opera em um modo pluralista [...]"(1987, p. 79) [tradução minha]<sup>9</sup>. Essa multiplicidade complexifica uma categorização que se pretenda muito compartimentada. Seguindo a observação de Bhabha (1998, p. 22): "Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta."

A busca da chicana é justamente por uma desierarquização, por uma articulação de aspectos diversos, muitas vezes divergentes, através da desconstrução de discursos excludentes. A construção identitária da chicana é feita justamente através das brechas entre as oposições binárias que tanto incidem na visão de mundo ocidental e nos processos de identificação e de diferenciação. Como aponta Silva (2012, p. 83): "Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam." Esta lógica inclusiva é acentuada por Anzaldúa:

A *mestiza* constantemente tem que mudar de formações habituais; do pensamento convergente, raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade para se mover em direção a um único objetivo (um modo ocidental), ao pensamento divergente, caracterizado pelo movimento para longe de padrões e objetivos definidos e em direção a uma perspectiva mais integral, que inclui, em vez de excluir. (1987, p. 79) [tradução minha]<sup>10</sup>

Lucha Corpipossui em seu discurso literário uma força política que evidencia a relação que pode ser estabelecida entre a literatura e a crítica social, e assim a voz de um grupo étnico minoritário abre um espaço que buscadiálogo junto ao discurso estabelecido. São promovidas articulações entre inúmeros elementos antagônicos, ilustrados por dicotomias tais como: eu/outro, local/global, passado/presente, razão/emoção. Tais oposições são problematizadas e por fim colocadas como não excludentes, evidenciando que *não* é imprescindível optar por um *ou* outro, mas que opostos podem ser somados e articulados de

---

<sup>9</sup> "She has a plural personality, she operates in a pluralistic mode [...]"(ANZALDÚA, 1987, p. 79)

<sup>10</sup>"*La mestiza* constantly has to shift out of habitual formations; from convergent thinking, analytical reasoning that tends to use rationality to move toward a single goal (a Western mode), to divergent thinking, characterized by movement away from set patterns and goals and toward a more whole perspective, one that includes rather than excludes."(ANZALDÚA, 1987, p. 79)



modo que, mesmo não deixando de haver tensões, na impossibilidade de fusão em uma unidade harmonicamente estável, possam alcançar uma condição de equilíbrio dinâmico.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/lafrontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CASTILLO, Ana. *Massacre of the dreamers: essays on Xicanisma*. 20th anniversary updated edition. (1. ed. 1994). Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014.

CORPI, Lucha. *Eulogy for a Brown Angel*. Houston: Arte Público Press, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.